

Bahia

Mulheres de Fundo de Pasto transformam frutos da Caatinga em renda no Sertão Baiano



O Grupo Produtivo da Caatinga é formado por mulheres da comunidade tradicional de Fundo de Pasto de Lagoa do Mandacaru, no município de Monte Santo, no norte da Bahia. A iniciativa reúne atualmente nove mulheres da própria comunidade, ligadas à vivência tradicional do Fundo de Pasto, que trabalham coletivamente com o beneficiamento de frutos nativos da Caatinga, como umbu, maracujá do mato e licuri, transformando-os em produtos que geram renda e fortalecem a economia local.

A ideia de construir um grupo produtivo voltado ao beneficiamento dos frutos da Caatinga já vinha sendo pensada a partir das conversas entre as mulheres sobre a necessidade de criar oportunidades de trabalho dentro da própria comunidade. O desejo existia, mas ainda não havia condições materiais para iniciar. Foi no contexto da pandemia, em meados de 2020, que as primeiras movimentações ganharam forma. Naquele período, um grupo de mulheres recebeu, por meio da Escola Família Agrícola do Sertão (EFASE), um cartão no valor de R\$ 100, recurso que deveria ser utilizado em alguma ação coletiva. O valor era pequeno, mas provocou um grande debate: o que seria possível construir juntas a partir dali? Entre reuniões e conversas, surgiram várias ideias. Pensou-se no plantio de mandioca para produção de tapioca, no beneficiamento do licuri e em outras alternativas que dialogavam com a realidade local.

Durante esse processo de escuta e construção coletiva, surgiu a provocação sobre a produção de sorvetes, especialmente utilizando frutos da Caatinga, um produto que ainda não existia nos espaços de comercialização acompanhados por organizações parceiras da região. O sonho começou a ser desenhado, mas o recurso disponível era insuficiente para estruturar a produção. Foi então que apareceu a oportunidade de participação no edital do Projeto Bem Diverso. As mulheres, com apoio de entidades de e entidades (EFASE, Acoterra, Aresol, Coopersabor e Fundação Araripe), elaboraram a proposta, inscreveram o grupo e conseguiram aprovação. A partir desse momento, o que era apenas desejo começou a se tornar realidade. O projeto viabilizou a aquisição de equipamentos e eletrodomésticos fundamentais para iniciar a produção, permitindo estruturar o espaço de trabalho e organizar as primeiras experiências produtivas.

Com os equipamentos instalados, o grupo passou a produzir sorvetes tendo como base principal os frutos da Caatinga coletados no próprio território. O umbu, o maracujá do mato e o licuri tornaram-se matérias-primas centrais da produção, não apenas pelo sabor, mas pelo significado cultural e ambiental que carregam. A dinâmica produtiva começa na coleta. Os frutos são retirados do Fundo de Pasto de forma cuidadosa. O umbu, por exemplo, é colhido, cozido e transformado em polpa; o maracujá do mato passa por processo semelhante; já o licuri, fruto simbólico da Caatinga, é coletado durante a safra, beneficiado e incorporado às receitas. As polpas são armazenadas em freezers, garantindo que a produção aconteça durante todo o ano, mesmo fora do período de colheita. Com o tempo, os sorvetes de frutos da Caatinga passaram a se consolidar como a principal identidade do grupo, embora também sejam produzidos sabores tradicionais. A comercialização acontece em feiras, eventos, espaços institucionais e pontos parceiros, ampliando a circulação dos produtos e fortalecendo a presença do grupo nos circuitos da economia solidária.

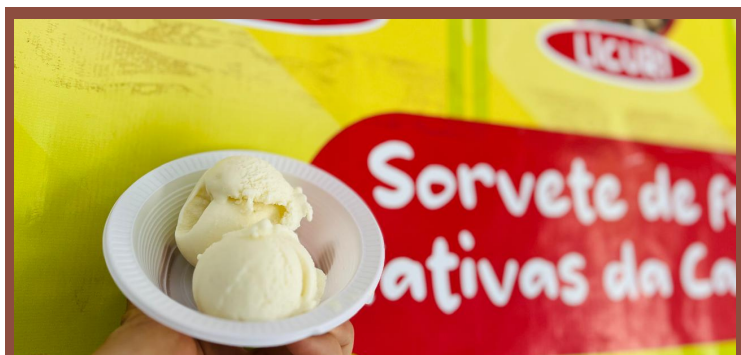
Mais do que resultados financeiros, a experiência trouxe impactos profundos na vida das mulheres envolvidas. A participação no grupo possibilitou geração de renda, ainda que complementar, mas fundamental para o cotidiano das famílias. Com esse recurso, muitas passaram a adquirir bens, investir em necessidades pessoais e contribuir de forma mais ativa nas despesas domésticas. Para Michele, integrante do grupo, a iniciativa representa uma mudança concreta:

“A gente já tinha vontade de trabalhar juntas, mas faltava oportunidade. Quando conseguimos iniciar, vimos que era possível ir além do que a gente imaginava.”

A experiência também fortaleceu dimensões subjetivas importantes. O grupo se tornou espaço de convivência, apoio mútuo e construção de vínculos. Trabalhar coletivamente, compartilhar responsabilidades e celebrar conquistas passou a fazer parte da rotina.

Luzinete destaca esse sentimento ao falar da participação:

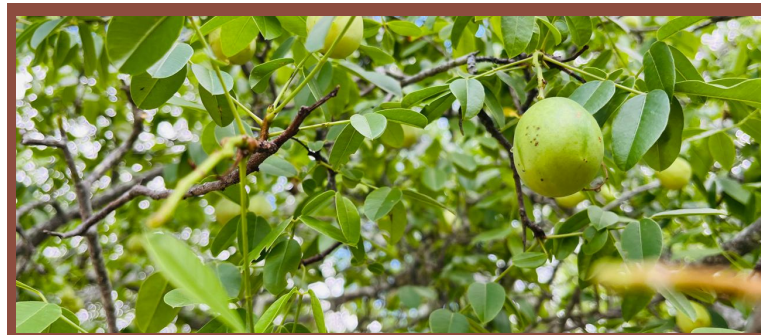
“Pra mim foi uma porta que se abriu. A gente ocupa a mente, trabalha, conversa, aprende e volta pra casa com a sensação de que fez algo importante.”



Outro aspecto marcante é a visibilidade que o grupo passou a ter. As mulheres relatam a alegria de receber visitantes, estudantes, técnicos e pessoas de outras regiões interessadas em conhecer a experiência, algo que antes parecia distante da realidade.

Zenilde resume o significado dessa caminhada coletiva ao afirmar:

“O mais bonito do grupo é a resistência. Somos mulheres da Caatinga, do Semiárido, e seguimos acreditando que nosso trabalho pode crescer e chegar cada vez mais longe.”



Assim, o Grupo Produtivo da Caatinga segue se consolidando como uma experiência de organização comunitária que articula geração de renda, valorização dos saberes tradicionais, uso sustentável dos recursos do bioma e fortalecimento do protagonismo feminino. No sertão baiano, no Fundo de Pasto, as mulheres de Lagoa do Mandacaru mostram, na prática, que a Caatinga é fonte de vida, trabalho e dignidade quando cuidada e vivida coletivamente.

